

CRÍTICA À MODERNIDADE: POR UMA DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE AUTONOMIA

CRITIQUE OF MODERNITY: FOR A DECONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF AUTONOMY

Francisco Alvarenga Junnior Neto*

RESUMO

A presente comunicação busca analisar de forma crítica o conceito de autonomia nascente na modernidade. O termo foi introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria. Kant contrapõe a autonomia à heteronomia, em que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejar. Na primeira parte será feita uma apresentação geral do conceito na teoria filosófica moderna. Após feita essa apresentação, se desenrolará uma análise que terá como plano de fundo a teoria do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche. Com isso, pretende-se, após uma reflexão genealógica, compreender até que ponto tal conceito esteve presente de fato na sociedade moderna e como era concebido por diferentes linhas filosóficas modernas, como, por exemplo, o empirismo e o racionalismo. A partir daí, pensar seus frutos na sociedade contemporânea, tendo como uma possível conclusão a afirmação de que a autonomia nunca passou de um conceito, belíssimo por sinal, como tantos outros, podendo ser visto como uma utopia, ou mesmo, uma ilusão humana.

PALAVRAS-CHAVES: Autonomia. Desconstrução. Genealogia. Modernidade. Nietzsche.

SINTESI

Il presente comunicazione cerca di analizzare criticamente il concetto di autonomia nascente nella modernità. Il termine è stato introdotto da Kant per designare l'indipendenza della volontà per qualsiasi desiderio oppure oggetto del desiderio e la sua capacità di determinare in conformità con la propria legge. Kant contrasta l'autonomia di eteronomia, in cui la volontà è

* Graduando em filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino. E-mail: franciscocmf@gmail.com.

determinata dagli oggetti della facoltà di desiderar. Nella prima parte sarà fatto una presentazione panoramica della concezione del concetto di teoria filosofica moderna. Dopo reso questa presentazione, svolge un'analisi che sarà sfondo la teoria del filosofo tedesco Friedrich Wilhelm Nietzsche. Con ciò, esso è destinato, dopo una riflessione di genealogica, capire fino a che punto questo concetto era presente, infatti, nella società moderna e come è stato progettato da diverse linee filosofiche moderne, per esempio, l'empirismo e il razionalismo. Da lì, pensano i suoi frutti nella società contemporanea, avendo come l'eventuale conclusione affermare che l'autonomia non è mai stato più di un concetto, bella dal modo in cui, come molti altri, può essere vista come un'utopia, o addirittura un'illusione umana.

PAROLE CHIAVE: Autonomia. Deconstruction. Genealogia. Modernità. Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Nietzsche em sua filosofia busca delir os ídolos impostos pelo cristianismo e pela modernidade. Ele pretende romper com todas as estruturas morais da humanidade, às quais nossa natureza está presa.

Pode-se fazer uma caminhada grosseira pela história da filosofia, isso bastará para mostrar a artificialidade com que vivemos. Desde sempre foram criados estereótipos de como as ações do homem deveriam acontecer. Podemos perceber também que, mesmo com o passar do tempo, isso não mudou, o que mudou foi o argumento de controle, mas as estruturas continuam. Seria como uma falsa realidade, acreditamos estar em um pensamento filosófico novo, mas o que de fato acontece é que sempre voltamos às mesmas questões. São antigas as questões, mas andam pareadas com a evolução da humanidade.

Nos meados do século XVII, com o nascimento da ciência, a humanidade inicia um processo de desmistificação dos fenômenos naturais. Juntamente a isso nasce a filosofia moderna, que à primeira vista quebra as estruturas vindas da filosofia antiga e medieval. O filósofo já não é mais um sujeito que contempla o cosmos e as vontades de Deus, ele passa de contemplativo para o sujeito da especulação. Na modernidade, diferente da contemporaneidade, filosofia e ciência caminham juntas. Um exemplo disso é o filósofo francês Descartes, que faz uso do método científico na busca de compreender o homem (MARQUES, 1993).

Nietzsche critica os modernos, eles acreditavam que a estrutura religiosa foi destruída, tudo pode ser explicado pela razão. Nietzsche afirma que mesmo a modernidade tendo negado a Deus, não conseguiu destruir completamente a estrutura religiosa medieval; mudou o foco, mas continuou presa a uma estrutura religiosa, até mais que os medievais, pois ainda busca um ideal. Já não somos regidos nem pelo Cosmo, nem por Deus, mas por estruturas físicas.

CRÍTICA À MODERNIDADE: POR UMA DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE AUTONOMIA

Nos meados do século XVII a humanidade inicia um processo de desmistificação da vida. Juntamente a isso nasce a modernidade, que à primeira vista quebra as estruturas antiga e medieval. O homem já não é mais um sujeito que contempla o cosmos e as vontades de Deus, ele passa de contemplativo para sujeito da especulação.

Nasceram na modernidade alguns conceitos que deram uma nova configuração estrutural à humanidade. Podem-se citar alguns, por exemplo, o conceito de sociedade, o nascimento do pensamento do homem como indivíduo, criação dos conceitos de público e privado e a autonomia, etc. Alguns desses conceitos de fato passaram da simples conceituação para realidade na nascente humanidade moderna. Porém, alguns, como tantos outros, enquanto conceito são belos e nos “enchem os olhos”, mas quando foi chegado o momento de ultrapassar a barreira entre o ideal e o real se dissolveram e tornaram-se diante da realidade belas utopias que em nada conseguiram se concretizar.

O homem que antes não tinha a mínima possibilidade de querer, agora vê diante de si uma imensidão de possibilidades. De escravo da não possibilidade, passa a escravo das possibilidades. Um dos conceitos que surge na modernidade e que até hoje é pensado como parte fundamental da sociedade contemporânea cai por terra, a autonomia. O termo foi introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria. Kant contrapõe a autonomia à heteronomia, em que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejar (KANT, 2012).

Como podemos perceber, o conceito dado por Kant é bem claro, o homem autônomo é aquele que age livre, de forma tal que nem a sociedade nem suas vontades o formatam. Tal homem é caracterizado por Nietzsche como espírito livre.

Aí está o grande dilema moderno. O que tornar-se? A modernidade antes de tudo foi uma cisão do homem com um mundo que tinha suas bases firmes em crenças, em Deus, em um céu e um inferno e, quando o homem se viu livre disso, foi como se o mundo desabasse.

A concepção de homem que se criou foi a seguinte, o homem agora (na modernidade) é o fim último de suas ações. O racionalismo moderno tornou-se a principal forma de fuga - através da arte e da ciência - do fantasma do homem medieval. A negação radical do transcendental tornou-se o caminho a ser seguido pela rebelde humanidade que, cansada de ser mandada, quis ter voz e vontade própria.

Na modernidade, como no próprio feudalismo, não havia um “eu”, o indivíduo existia apenas como condição na luta com a natureza, o sujeito encontrava-se em “funcionamento”, uma função no trabalho, na família, na sociedade, função na qual tornou-se engrenagem do mecanismo social. O homem conheceu apenas condições necessárias e insuficientes, pois “ele só tem condições, e cada condição é de novo condicionada” (WEIL, 1990, p. 289).

Após enxotar o mundo antigo, o homem se vê diante de um nada, e assim inicia um processo de construção de um novo mundo. Nesse novo mundo tem-se a promessa de liberdade e autonomia. Imaginemos que um homem estivesse perdido no deserto, após caminhar três dias debaixo de sol escaldante, ao meio dia ele avista ao longe um oásis e pensa: “encontrei minha salvação” -, e corre esgotando o resto das forças que lhe restavam, ao passo que ele vai se aproximando, o tal oásis desaparece, assim o homem que deu tudo de si em busca da sua tão sonhada possibilidade de vida e liberdade desfalece. O mesmo acontece ao homem moderno em sua busca pela autonomia.

A realização é sempre negada, o que equivale a afirmar que “o indivíduo na sociedade moderna é essencialmente insatisfeito”. Sociedade moderna e indivíduo estão inseridos numa dialética negativa, agindo um contra o outro e, ao mesmo tempo, precisando um do outro. De um lado, o fim do indivíduo, sua completa satisfação, coincide com a negação do fim de uma função fundamental da sociedade; de outro, a perpetuação do progresso, fim da sociedade, coincide com a negação do fim do indivíduo, como perpetuação da insatisfação.

Racionalistas e empiristas acreditavam que o sujeito tenta apreender o objeto tal como ele é. Nietzsche criticará tal concepção, ele não aceita que existam fatos estruturalmente articulados. Ao criticar tal concepção, Nietzsche reflete sobre os problemas morais que fundamentavam tais concepções, ele não aceita que exista uma verdade absoluta em que a aparência seja negada. “Não passa de um preconceito moral, que verdade tem mais valor do

que aparência; é até mesmo admissão mais mal demonstrada que há no mundo” (NIETZSCHE, 2007, p. 34).

Nesse ponto, a autonomia foi banida da humanidade, os modernos tinham a autonomia como conceito, porém nunca a viram na realidade. Dessa forma, os racionais e empiristas, ao defenderem o homem como livre, entraram em contradição. Ora, seguindo o método moderno de filosofia, no qual a razão era o grande fundamento argumentativo – quando pensamos em algo racional, intuímos realidade, algo palpável – seria necessário que a autonomia fosse experimentada, não em laboratório, mas na vida, coisa que não aconteceu, mesmo negando heranças antigas, o homem continuou pautando sua vida em valores e ideais a serem alcançados. Talvez a próxima afirmação seja aparentemente um tanto quanto monstruosa e talvez possa ser motivo de indignação, será, para aqueles que a lerem superficialmente. Aqui fica o convite para que ao analisar as afirmações que se seguirão, o leitor assuma uma postura genealógica, ou seja, busque entremear a história até chegar nas raízes do problema posto em evidência.

Com a criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, anunciada em 26 de agosto de 1789, depois de vegetar entre as novas concepções do homem sobre o mundo e dele mesmo, anunciou-se também o falecimento da autonomia. Como tantos outros conceitos que só deram certo enquanto conceito, também a autonomia esteve longe de tocar a realidade.

Para Nietzsche, o projeto político da modernidade, sob a forma da extensão planetária da igualdade democrática como única condição de legitimação ético-política, constitui não apenas uma forma decadente da organização social, mas, mais profundamente, uma forma de rebaixamento e mediocridade da humanidade, de autodiminuição de valor do homem.

É preciso notar que durante a modernização, com o nascimento do capitalismo e com as evoluções tecnológicas que foram acontecendo, cada vez mais difícil foi para o homem viver sem ser, em termos, mandado por alguém. O capitalismo, junto às evoluções tecnológicas, tornou o mercado cada vez mais “feroz”. Pode-se dizer que desde o início da modernidade um grupo da sociedade, pouco a pouco, economicamente tomara as rédeas da sociedade.

Tal fenômeno tem início na modernidade, será chamado por Karl Marx, na contemporaneidade, de Classes Sociais. Em razão da divisão social do trabalho e dos meios, a sociedade se extrema entre possuidores e os não detentores dos meios de produção. Surgem, então, a classe dominante e a classe dominada.

Através do mercado que se criou até hoje, podemos pensar não só na dominação econômica que a sociedade viveu naquela época, e que vivemos também hoje. Para além do econômico, temos ainda a dominação ideológica, que cada vez se torna mais presente em nosso dia a dia, hoje através da dominação dos meios de comunicação.

Se antes o que se anunciou foi que com o pensamento do direito universal o atestado de morte da autonomia foi assinado e carimbado; aqui, na contemporaneidade, eis que anuncia-se a morte do desejo do ser autônomo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito antes, Nietzsche em sua filosofia busca delir os ídolos impostos pelo cristianismo e (pela) modernidade. Ele pretende romper com todas as estruturas morais da humanidade, às quais nossa natureza está presa.

Como aconteceu nos períodos anteriores, Antiguidade, Idade Média e Modernidade, as mudanças da contemporaneidade ocorreram de forma gradual; pouco a pouco a construção social do indivíduo na sociedade mudou até obter como resultado a vida como a temos, com seus valores e regras e, também, desejos. O que se procurou explicitar é que tais mudanças não ocorreram de repente, mas suas raízes estão fixadas em períodos antigos.

Destarte, negar a liberdade do homem na contemporaneidade parece-nos ingenuidade. Se liberdade é a capacidade para darmos um sentido novo ao que parecia fatalidade, transformando a situação de fato numa realidade nova, criada por nossa ação, logo concluir-se-á que a modernidade é o período no qual o homem fez-se livre, quando, com o surgimento da ciência, o homem passa a transformar a natureza e criar tecnologias que evoluíram até hoje.

Inegável é a capacidade do homem de criar e transformar a realidade, isso comprova-se com a revolução industrial nos séculos XVIII e XIX e a revolução gerada pelo processo de globalização iniciado no ano de 1950. Porém, possuir liberdade nesse sentido não denota autonomia do ser, pois, ainda que o homem seja livre para transformar a realidade, ele sempre encontra-se encarcerado em um calabouço ideológico que faz com que torne-se possível a existência da cultura.

REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **Crítica à razão pura**. São Paulo: Vozes, 2012.

MARQUES, Jordino. **Descartes e sua concepção de homem**. São Paulo: Loyola, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WEIL, Eric. **Filosofia política**. São Paulo: Loyola, 1990.